

O trabalho clínico com as infâncias trans

Clinical work with trans childhoods

Cassandra Pereira França

Resumo

O artigo apresenta a necessidade premente de a psicanálise acompanhar a subjetividade de seu tempo, tomando-a como um diapasão a dar referências tanto para a afinação da metapsicologia quanto para a teoria da técnica psicanalítica. A mudança radical ocorrida no campo da sexualidade, desde os tempos vitorianos até os dias atuais, convoca os analistas ao estudo aprofundado daqueles conceitos que ficaram insuficientes na vasta produção freudiana: a teoria do narcisismo e a da identificação. Assim, junto à urgência de a psicanálise repensar as concepções que sustentam a sua linguagem heteronormativa, posta-se o desafio clínico da escuta das novas sexualidades. Nos casos em que a autopercepção do gênero se manifesta precocemente, é possível observar o quanto a insubordinação radical do(a) filho(a) à aceitação do gênero que lhe foi designado, pode provocar uma fratura narcísica extensa nos pais, capaz de deixar graves sequelas no narcisismo primário fundante do sujeito.

Palavras-chave: Gênero, Transidentidades, Infância, Identidade sexual.

*O que havia em meu corpo infantil
que previa a minha vida inteira?*

PAUL PRECIADO, 2019.

As palavras pronunciadas em 17 nov. 2019 por Paul B. Preciado denunciando a hipocrisia e a posição reacionária cristalizada nos “posicionamentos silenciosos” dos grandes institutos de formação de analistas, diante do fervoroso movimento das diversidades sexuais mundo afora e que colocavam em xeque a estruturação binária de muitos pressupostos teóricos da psicanálise, foram recebidas com espanto por uma plateia de 3.500 psicanalistas, em um evento científico organizado de modo paradoxal: convidando um homem trans para falar num congresso sobre *Mulheres na psicanálise*.¹ É claro que

o resultado teria mesmo de ser um imbróglio que serviu para colocar sob holofotes uma grave questão que vinha sendo abafada há décadas, e que estava calcada numa falsa premissa teórica: a escolha homossexual de objeto, implica uma impossibilidade de constituição superegoica capaz de garantir o exercício da função analítica. Tal pressuposto, que nos parece absurdo nos dias atuais, trazia em seu bojo um grande obstáculo para que candidatos homossexuais pudessem fazer uma formação analítica ortodoxa. Isso mesmo, houve um tempo em que a psicanálise, além de se dar ao luxo de ficar à mar-

1. Palestra pronunciada em 2019 na JORNADA INTERNACIONAL DA CAUSA FREUDIANA sobre o tema MULHERES NA PSICANÁLISE, no *Palais des Congress* em Paris, publicada no Brasil com o título *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*.

gem das mudanças na constituição das subjetividades sexuadas, endossou os tortuosos caminhos teóricos que vinculavam a homossexualidade à perversão. Pois bem, além de uma enorme dívida moral acumulada ao longo de algumas décadas, outro problema se descortinava: a psicanálise não havia preparado seus profissionais para realizar intervenções quando chamados a atuar no campo das questões de gênero.

Enclausurada no emparelamento binário, a psicanálise havia, ainda por cima, ficado enredada em uma compreensão atrofiada das sexualidades trans, fazendo uma leitura *schreberiana* dessas identidades, colocando-as em contiguidades com as psicoses e não conseguindo sequer ouvir o apelo aflito contido em outras vozes que se levantavam para alertar os psicanalistas:

Passaram-se cem anos da publicação dos *Três ensaios*, em 1905, e se cabe perguntar-nos o que se passou com a psicanálise ao longo de um século, a questão principal é o que se passou na sociedade com as mudanças que se operaram a respeito da sexualidade. E é a partir desta perspectiva que há tempos tento distinguir, em função da organização do pensamento psicanalítico e de ir localizando os problemas do futuro da psicanálise, como separar aqueles núcleos de verdade que permanecem através do tempo e que remetem a questões invariáveis da constituição psíquica, dos modos da subjetividade que mudaram ao longo do tempo. O que se chama produção de subjetividade é de ordem política e histórica (BLEICHMAR, 2009, p. 33).

Não restam dúvidas de que Silvia Bleichmar estava certíssima: para salvaguardar o futuro da psicanálise, precisamos estar afinados com a produção das subjetividades de nosso tempo. Para aqueles psicanalistas que convivem com centenas e centenas de jovens, como acontece com os professores universitários, essa tarefa torna-se mais viável, uma vez que temos oportunidade de conhe-

cer mais de perto a realidade do universo dos alunos: ouvimos suas gírias, os casos de envolvimentos afetivo/sexual, os relatos do que falam nas redes sociais – e, assim, facilmente, constatamos a efervescência de determinadas temáticas e a necessidade de nos inteirarmos de estudos que possam complementar o que aprendemos com a metapsicologia psicanalítica. Facilmente identificamos em seus olhos a reação às teorias que arranham seus ouvidos (justamente aquelas sustentadas na lógica binária e androcêntrica, que permeia a linguagem conceitual dessa ciência) e, se queremos que gostem da psicanálise, precisamos criar programas de ensino que contextualizem historicamente os pressupostos do edifício teórico da psicanálise e garantam um espaço de debate aberto à releitura desses textos à luz do que se passa na cultura no momento presente.

Mas não é só o espaço acadêmico que facilita essa condição. A clínica psicanalítica infantojuvenil também se presta a ajudar nessa forçosa aterrissagem na realidade, pois tal como uma espécie de arauto, anuncia em tempo recorde as novidades do reino, ou seja, as mudanças na direção dos ventos culturais serão responsáveis pelas alterações na constituição das subjetividades das gerações presentes e futuras. Tomarei como recorte temático, neste momento, o comparcimento da temática de gênero na clínica infantil nas quatro décadas de meu exercício profissional, ou seja, entre 1980 e 2020. Ao longo desse espaço de tempo, observamos o aumento do número de famílias que passou a procurar os psicólogos e psicanalistas a fim de solicitar orientações sobre a forma como deveriam agir, quando percebiam que seus filhos estavam expressando modos identificatórios em desacordo com o socialmente esperado para a designação de gênero que lhes fora outorgada. Os comentários dos pais, repletos de angústia, ilustram por si mesmos o avanço gradativo no cenário de aceitação da possibilidade da diversidade sexual. Acompanhemos a metamorfose

gradativa, com que se apresentaram cronologicamente essas colocações: “Por que meu filho(a) está agindo desse jeito? Quem ele(a) está imitando? Eu não quero um filho bichinha. Eu não quero uma filha sapata. Ele(a) é grudado(a) demais na mãe! O pai dele é ausente, nunca brinca com ele(a)! Ele não quer fazer futebol, tudo bem, nem todo menino tem de gostar disso! Ela gosta mesmo é de coisa mais abrutalhada, gosta de queimada, de futebol. Não gosta de usar vestidos de babados”. Observemos que esses discursos estavam em contiguidade direta com os tropeços contidos nas noções teóricas que a psicanálise tentava apresentar para os impasses nas identidades de gênero: mãe fálica, pai ausente, fórmulas da sexuação. Enfim, premissas que em nada ajudaram na escuta do sofrimento do paciente ou de suas famílias que, desesperadas, buscavam encontrar uma causa, um culpado, para a insurreição do(a) filho(a) à heteronormatividade.

Entretanto, em um pequeno hiato de tempo (talvez de duas décadas), pudemos observar uma mudança no conteúdo dos temores dos pais: “E se ele for efeminado, como vai ser o futuro dele aqui no Brasil? Acho que vamos tentar escolher um nome neutro para o nosso próximo filho(a), depois que ele(a) crescer um pouco, aí decide como vai querer se chamar. Ele está fascinado por uma saia de brilho que viu na internet, acho que vou pedir e deixar que use essa saia... Acho melhor que ele tire logo essas mamas, afinal, só lhe trazem vergonha!” Assim, em meio a tais pensamentos, podemos notar que, lado a lado, encontram-se a diminuição do preconceito dos pais e de seu sofrimento moral em ter um(a) filho(a) diferente, e um giro no foco de sua atenção para a valorização da autopercepção de gênero da criança/adolescente. Essa desconstrução do preconceito em muitas famílias trouxe um alívio enorme aos psicanalistas de crianças e adolescentes que antes ficavam aviltados pelas propostas para que diagnosticassem a causa do “problema” e apontassem uma “correção ortopédica”.

No entanto, mal houve tempo para saudarmos as boas novas e fomos pegos de surpresa por outras demandas – dessa vez, solicitadas pelo campo médico: laudo psicológico acerca do momento ideal para a entrada da hormonoterapia; laudo psicológico acerca das condições psíquicas do jovem para uma intervenção cirúrgica. Enfim, demandas que evidenciaram, mais uma vez, o quão importante é o trabalho de contenção das angústias dos pais (a fim de não fiquem à mercê da lógica pragmática de algumas correntes da medicina), mas que também desnudaram uma outra faceta da questão: não temos parâmetros ou protocolos que possam nos ajudar na realização de um laudo ético desse quilate! Como enfrentar essas demandas só com a nossa experiência clínica e sensibilidade? Escutar. Todos nós escutamos a angústia dos pacientes, porém com qual metapsicologia podemos escutar as questões de gênero?

De fato, a passagem do século XX para o XXI pode ser tomada como uma referência temporal na virada de muitos paradigmas de gênero em nossa sociedade. Algumas mudanças nos padrões comportamentais naturalmente dão esse testemunho: os discursos das famílias passaram a ser mais receptivos; o tema frequente mais enfaticamente as novelas e propagandas comerciais das emissoras de TV; intensificam-se as reações contundentes (delirantes e violentas) dos governos de ultradireita² contra a minoria LGBTQIA+. Todas essas observações cênicas, seja as de aproximação, seja as de horror e pânico, asseveram que algo inusitado está ocorrendo no psiquismo dos ocidentais subjetivados no modelo do binarismo. Até mesmo no campo psicanalítico, cuja linguagem

2. Assistimos, atônitos, o Brasil ser jogado em uma guerra político-religiosa que teve, como um dos motes, o risco do fim da lógica binária em nossa sociedade. Com isso, retrocedemos à era das trevas. Agora, além do peso de sermos o país que mais mata a população travesti e transexual, carregaremos também todo o prejuízo cultural do fato de uma temática tão complexa como essa, ter sido banalizada e ridicularizada.

está toda marcada pela heteronormatividade, temos assistido mudanças significativas: nas universidades, um número crescente de pesquisas acadêmicas vem conjugando os estudos psicanalíticos com outras colaborações preciosas como os estudos feministas e as propostas das ciências sociais e do campo jurídico. Recentemente, até nas instituições psicanalíticas mais ortodoxas, há um interesse enorme pelos estudos de gênero. Acaso seria essa reação geral uma primeira resposta à interpelação que o feminismo (em sua segunda, terceira e quarta ondas) vêm fazendo à psicanálise? Será que começamos a enfrentar o desafio de tentar exercer uma psicanálise exorcizada do binarismo? Aguardemos, pois ninguém duvida de que a verdade é filha do tempo.

As intervenções com os pais para reabastecer o reservatório narcísico

Entretanto, é preciso reconhecer que o *status quo* de nosso objeto de estudo encontra-se muito diferente dos tempos em que comecei a me debater com este assunto, seja como analista, seja como supervisora. Através dessas experiências, aprendi que uma das primeiras tarefas de um psicanalista que trabalhe com perspectiva de gênero e que tome em tratamento um caso de criança muito pequena, em que já se presentificou um desencontro entre o corpo biológico e a identidade de gênero esperada pela cultura, é acolher os pais e escutar, analiticamente, o impacto dessa vivência sobre seu narcisismo, ajudando-os na elaboração de suas angústias, medos e fantasias. Em geral, essa situação tem o poder de jogar os pais numa espiral enlouquecedora. Num primeiro momento, desorientados com a queda vertiginosa de seus valores identitários, buscam a todo custo identificar de quem é a culpa por não terem conseguido cumprir o “mandato da sexuação” de sua cria pela lógica reinante – tarefa que sentem ser de sua inteira responsabilidade, uma vez que estão completamente misturados com o(a) filho(a) que, por sua vez, também está sendo

banhado pelas projeções dos pais e de suas figuras idealizadas.

A insubordinação radical do(a) filho(a) à aceitação da imposição de uma identidade de gênero pode provocar uma fratura narcísica extensa nos pais, capaz de fazer ruir a base dos constructos psíquicos edificados até então. Lembremos que “depor a onipotência narcísica sob a coação da realidade implica um trabalho que não se realiza sem sofrimento” (HORNSTEIN, 2009, p. 52) e deixa em seu rastro um sentimento de fracasso e vazio diante da vida.

Portanto, antes que haja o risco de que essa fonte de reabastecimento narcísico do Eu da criança seque, temos de oferecer alguma parceria na reconstrução dos caminhos narcísicos iniciais, quando “o sangue errou de veia e se perdeu”.³ Afinal, a criança depende, essencialmente, do apoio dos pais para se organizar no plano emocional e enfrentar as batalhas que terá de travar com todos aqueles que terão dificuldades em considerá-la um semelhante. Seus pedidos de mudança de nome, de vestimentas, de brincadeiras, logo evocam a inadaptação à heteronormatividade – o que, sem sombra de dúvidas, irá trazer aos pais uma grande ameaça a todo o sistema de repressão que até então a cultura lhes impôs. Isso sem falar no risco de que tais vivências que remetem ao *Unheimlich* [o estranho familiar] possam provocar até mesmo o desmonte do par parental (como tantas vezes ocorre em quadros de psicose nos filhos), justo no momento em que os pais mais precisam de estar em uma parceria saudável, tanto para dar continência à angústia do(a) filho(a), oferecendo-lhe segurança e apoio amoroso, quanto para tomar decisões sensatas diante das inúmeras demandas que a criança fará ao longo da infância, em nome

3. Referência ao verso “Meu sangue errou de veia e se perdeu”, da canção *Eu te amo* (1980), de Chico Buarque e Tom Jobim. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/79060>.

do seu desejo de se ver e de ser vista no gênero em que se autopercebe.

Se defendo que é fundamental que a nossa escuta analítica comece pelos pais – é porque sei que temos as ferramentas para dar contenção à angústia do ser humano e dela extrair derivados que possam ajudar na reconfiguração dos esboços dos ideais do eu – aqueles que começaram a ser delineados nos tempos inaugurais do narcisismo primário. Precisamos ouvir os ecos sonoros da música que embalou aquele momento mítico da “Sua majestade, o bebê” e agora embala o luto por um projeto narcísico (datado historicamente) que se desfaz quando os pais constatarem que vão precisar mudar muitos dos seus projetos de vida e dos seus sonhos: “Se ao te conhecer/ Dei para sonhar, fiz tantos desvarios/ Rompi com o mundo, quebrei meus navios/ Me diz pra onde é que ‘inda posso ir”.⁴ Ajudar os pais a redesenhar os sonhos e desvarios de seu amor pelo(a) filho(a) representa a possibilidade de religar o narcisismo transvazante do pais: a sua capacidade de se voltar para outro ser. E se preconizamos análise para o par parental como medida emergencial na maioria desses casos, é porque sabemos quão desastroso pode ser o estancamento do investimento narcísico dos pais na fundação do narcisismo primário de seu(sua) filho(a).

Assim, buscamos diminuir o risco de que o traumatismo sofrido pelos pais possa comprometer o narcisismo infantil [*Selbstgefühl*], termo empregado por Freud e que pode ser compreendido em dois sentidos: a consciência de uma pessoa em relação a si mesma (sentimento de si) e a vivência do próprio valor com relação a um sistema de ideais (sentimento de autoestima). Se, de fato, acreditamos que é o objeto externo que provê um sistema exógeno de regulação da autoestima e de preservação da coesão do

sentimento de si, a consequência negativa para o narcisismo primário da criança (caso o objeto externo sucumba e não exerça suas funções), seria um déficit intrapsíquico em que predominaria a vulnerabilidade da autoestima, gerando, assim, um sujeito especialmente sensível aos fracassos e desilusões.

A escuta do sofrimento psíquico da criança

Mas, afinal, o que espera dos pais uma criança com questões de gênero? Uma operação psíquica extremamente difícil: o descentramento do Eu – condição *princeps* para que se possa respeitar os desejos nascentes de um psiquismo em constituição, mesmo que sua direção não corresponda ao esperado. Assim, além da suprema operação egoica dos pais para se adaptar à nova realidade, eles vão precisar “intervir no mundo externo alterando-o e nele produzindo, deliberadamente, aquelas condições que possibilitem a satisfação [do filho]” (FREUD, [1926] 1996). Por isso mesmo, a possibilidade de contenção da angústia dos pais é o que pode, indiretamente, proteger a infância da ansiedade reinante em nossa cultura, o que exige decisões que portam uma imediatez assustadora e atropelam o tempo processual do vivenciar, do pensar e do elaborar.

A qualquer custo é preciso preservar os tempos narcísicos da infância para o brincar e o sonhar, ambos permeados por diferentes níveis de questionamentos e elaborações dos limites do corpo e da alma – tarefas psíquicas indelévels a partir de um bom processo de análise. Afinal, bem sabemos quão árduos são os caminhos entre os exercícios fantasmáticos identificatórios e as tentativas da cultura patriarcal e machista em tentar anular os vínculos entre identidade e desejo. Portanto, vale enfatizar que o trabalho analítico pode sim ajudar na diminuição da intensidade dos processos de cisão do Eu e de aceitação da incompletude do ser – condições apriorísticas para o delineamento das trilhas do desejo – as mesmas que, de modo soberano, irão arrematar os contornos iden-

4. Versos da canção *Eu te amo* (1980), de Chico Buarque e Tom Jobim. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/79060>.

tificatórios de cada sujeito. Lado a lado, nessa trajetória, estará postada a nossa esperança em ajudar os pequenos pacientes a romper com a escravidão e a dependência absoluta do reconhecimento e da admiração dos outros – o que poderia jogá-los em um ciclo constante de futuras reparações estéticas em função da idealização de uma imagem fixa, fechada em si mesma, que não apresenta nenhum defeito e mais representa um ícone da idealização do Eu Ideal.⁵

Enfim, o que precisamos mesmo é admitir que a subjetividade contemporânea pede, além de uma revisão de alguns paradigmas da psicanálise, o aprofundamento justamente daquilo que ficou insuficiente na vasta produção freudiana: o campo da teoria do narcisismo e da identificação, tarefa que “convoca todos a trabalho”. De minha parte, coube a decisão nada fácil de trazer a público o que pode ser produzido na análise de uma criança de quatro anos de idade que apresentava um acentuado rebaixamento de sua autoestima, devido à incongruência entre o gênero em que se percebia e o gênero que lhe havia sido outorgado. A publicação do livro *Nem sapo, nem princesa: terror e fascínio pelo feminino* (FRANÇA, 2017) e de sua tradução para o espanhol *Ni sapo, ni princesa: terror y fascino por lo femenino* (FRANÇA, 2022) procura convocar os analistas a participar de um debate a partir da voz, dos desenhos e dos questionamentos de uma criança trans.

Acompanhar na infância um movimento pendular entre o fascínio pelo feminino e o terror ao feminino, levou-me a querer compreender o fantástico percurso do movimento de torção que leva o terror (vivenciado intensamente nas fantasias primitivas da infância), a ser plenamente amortecido diante

do fascínio pelo feminino. Esse *Historial clínico*, ocorrido nas últimas décadas do século XX, foi organizado a partir de uma análise que apresenta o sofrimento psíquico de uma criança aprisionada pelos ditames da sexualidade normativa. Podemos vislumbrar, a um só tempo, nesse processo analítico, tanto a fragilidade do clássico modelo edipiano quanto a necessidade de a psicanálise reconhecer que, como dizia Silvia Bleichmar (2000, p. 3): “a identidade de gênero antecede a eleição de objeto e se inscreve no núcleo do Eu, antes mesmo que a criança reconheça sua correlação com a genitalidade”.

O material clínico apresentado, além de colocar em discussão alguns pilares conceituais do pensamento psicanalítico, chama a atenção do leitor para a precocidade da identidade de gênero, atestada tanto na literatura, com os inúmeros casos clínicos estudados, entre outros, por Stoller (1982;1993), Graña (1996) e Bleichmar (2006) quanto pela observação clínica, através dos relatos de pacientes e familiares que apontam o terceiro ano de vida da criança como a época em que a identidade de gênero parece estar visivelmente configurada.

Partindo de reflexões teóricas acerca da invasão violenta feita pelo psiquismo da mãe ao núcleo identitário básico de um garoto de quatro anos, apresentei vinte desenhos que ilustram tanto a obstrução da saída de uma imersão simbiótica quanto o árduo início da construção da subjetividade. A minha proposta ao trazê-lo a público, foi dividir com os colegas psicanalistas a riqueza dos afetos e da fantasmática que acompanha os primórdios da constituição da identidade sexual, colaborando, assim, para um debate teórico consoante ao funcionamento psíquico da criança. Os fatos clínicos apresentados são capazes de evidenciar que as variações na identidade sexual não se reduzem ao posicionamento do sujeito diante da castração, mas aos complexos modos de combinação entre os fantasmas que articulam o desejo sexual e as formas de organização dos atribui-

5. Por isso mesmo, é recomendável que esperemos o rearranjo identificatório da adolescência, que trará uma estrutura psíquica mais estável (capaz de suportar a frustração da incompletude), para que possamos acompanhar as demandas das inúmeras sexualidades que convivem no interior de cada pessoa.

tos de gênero, a cada época, em determinada sociedade.

Portanto, a complexidade deste tema convida-nos a aceitar a tarefa que Freud ([1914] 1996, p. 99) propôs às futuras gerações de analistas, ao registrar as seguintes palavras no estuendo artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução*:

Os distúrbios aos quais o narcisismo original de uma criança se acha exposto, as reações com que ela procura proteger-se deles e os caminhos aos quais fica sujeita ao fazê-lo – tais são os temas que proponho deixar de lado, como importante campo de trabalho ainda por explorar.

Cem anos depois, uma problemática como essa que estamos focando, impõe não só a urgência em refletir sobre as transidentidades, os travestismos e as reverberações mútuas que produzem no narcisismo de pais e filhos (as), mas também a tarefa de repensar a nossa função analítica na condução desses casos clínicos.

Essa atenção à angústia circundante no entorno da criança com questões de gênero é um dos pontos altos dos escritos que Bleichmar nos deixou. Podemos ver sua atuação clínica expandindo os limites do *setting* analítico, abrindo vias de comunicação para se corresponder com as mães, psicanalistas e advogados que acompanham casos que demandam uma intervenção multidisciplinar. Seu esforço em nos mostrar a necessária profundidade do assunto nos mostra quão importante é, para os psicanalistas, saber discriminar quando se trata de um caso de transexualidade originária (que deverá ser ouvida e respeitada desde muito cedo na vida da criança); quando o travestismo é a expressão de uma necessidade psíquica (radicalmente primitiva), de envolver-se numa pele feminina/masculina, em uma espécie de cápsula narcísica, para proteger a integridade corporal; ou ainda quando representa uma fuga da angústia de castração – o que

vai lhe impor a identificação com uma figura imaginária, dificilmente alcançável, que exigirá do(a) cliente a servidão voluntária, pelo resto da vida, a procedimentos estéticos invasivos para alcançar uma perfeição narcísica. Em cada um desses desígnios, o analista precisará repensar a todo o tempo, se está conseguindo ajudar o paciente a conseguir, futuramente, encontrar uma identidade que lhe permita não apenas o acesso ao pleno exercício sexual satisfatório, mas também a uma chancela pelas veredas do amor.

Desejo encerrar este texto deixando ao leitor as palavras de Bleichmar (2014, p. 254), que tanto têm me ajudado a acompanhar algumas crianças.

A sexualidade não é um caminho linear que vai da pulsão parcial à assunção da identidade, passando pelo estágio fálico e o Édipo como sinais de seu percurso, senão que se constitui como um complexo movimento de sobre-determinações e ressignificações, de articulações provenientes de diversos estratos da vida psíquica e da cultura, das incidências da ideologia e dos movimentos de desejo, sendo necessário, portanto, dar um peso específico a cada elemento.

É imprescindível que a psicanálise possa reconhecer a necessidade de fazer um inventário do seu instrumental teórico e técnico para lidar com a mudança sociocultural ocorrida ao longo de um século de sua existência, principalmente no campo da sexualidade – sustentando, até a última instância, o reconhecimento da limitação dos dualismos estanques presentes nas categorias enrijecidas de masculinidade e feminilidade. É preciso acompanhar a plasticidade inscrita em movimentos identificatórios nos primórdios da constituição psíquica, que ilustram tão bem a riqueza das identificações múltiplas, em permanente movimento de ressignificação do desejo. Somente assim a psicanálise poderá participar, de modo ético, do debate acerca do conceito de gênero, que

é um conceito sociológico, enquistado nos processos de subjetivação produzidos pela cultura e que acompanham os movimentos da história e da política.

Abstract

The article presents the pressing need of psychoanalysis to follow the subjectivity of its time, taking it as a tuning fork to provide references both for the tuning of metapsychology and for the theory of psychoanalytic technique. The radical change that took place in the field of sexuality, from Victorian times to the present day, calls analysts to the in-depth study of those concepts that were insufficient in the vast Freudian production: the theory of narcissism and that of identification. Thus, together with the urgency of psychoanalysis to rethink the concepts that support its heteronormative language, there is the clinical challenge of listening to new sexualities. In cases where the self-perception of gender manifests itself early, it is possible to observe how much the radical insubordination of the child to the acceptance of the gender that was assigned to him, can cause an extensive narcissistic fracture in the parents, capable of leaving serious sequelae in the subject's founding primary narcissism.

Keywords: Genre, Transidentities, Childhood, Sexual identity.

Referências

BLEICHMAR, S. *El desmantelamiento de la subjetividad: estallido del Yo*. Buenos Aires: Topía, 2009.

BLEICHMAR, S. El transexualismo infantil, un modo reconstitutivo de identificación. *Actualidad psicológica*, ano 25, n. 281, p. 3, nov. 2000.

BLEICHMAR, S. *Las teorías sexuales en psicoanálisis: qué permanece de ellas en la práctica actual*. Buenos Aires: Paidós, 2014.

BLEICHMAR, S. *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história* (1984). Tradução: Kenia M. Ballvé Berth. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

BLEICHMAR, S. *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BUARQUE, C.; JOBIM, T. *Eu te amo*. Álbum *Vida*. 1980.

FRANÇA, C. P. *Nem sapo, nem princesa: terror e fascínio pelo feminino*. São Paulo: Blucher, 2017.

FRANÇA, C. P. *Ni sapo, ni princesa: terror y fascinación por lo femenino*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Topía, 2022.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926 [1925]). In: _____. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 91-170. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-108. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

GRAÑA, R. *Além do desvio sexual: teoria, clínica e cultura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

HORNSTEIN, L. *Narcisismo: autoestima, identidade, alteridade*. São Paulo: Via Lettera, 2009.

PRECIADO, P. B. *Eu sou o monstro que vos fala*. Relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

STOLLER, R. Extrema feminilidade em meninos: a criação da ilusão. In: _____. *A experiência transexual*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

STOLLER, R. Feminilidade acentuada em meninos: uma ênfase nas mães. In: _____. *Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Recebido em: 18/06/2022

Aprovado em: 28/06/2022

Sobre a autora

Cassandra Pereira França

Psicanalista.

Professora titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Doutora e pós-doutora em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Orientadora de pesquisas na Área de Estudos Psicanalíticos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Coordenadora do Núcleo de Pesquisas CAVAS/UFMG (Estudos psicanalíticos sobre violência sexual contra crianças e adolescentes).

Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi.

Autora dos livros *Ejaculação precoce e disfunção erétil: uma abordagem psicanalítica* (Casa do Psicólogo, 2001); *Disfunções sexuais* (Coleção Clínica Psicanalítica, Casa do Psicólogo, 2005); *Nem sapo nem princesa: terror e fascínio pelo feminino* (Blucher, 2017). Organizadora de várias coletâneas de escritos psicanalíticos.

E-mail: cassandrapfranca@gmail.com